



DAS COMUNIDADES INDÍGENAS PARA AS CIDADES: BAIRRO INDÍGENA EM MANAUS E A QUESTÃO DA IDENTIDADE CULTURAL

Palavras-Chave: INDÍGENAS-1, MIGRAÇÃO-2, COMUNIDADE INDÍGENA-3, URBANO-4.

Autores/as:

CAROLINE HELENA VALENTIM CABRAL - IG | DEPTO. DE GEOGRAFIA | UNICAMP

PROFA DRA. MARIA TEREZA DUARTE PAES (orientador(a)) - IG | DEPTO. DE GEOGRAFIA | UNICAMP

INTRODUÇÃO:

Em 2022, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE, foram registradas 71,7 mil pessoas indígenas residindo na cidade de Manaus. Esse dado reflete a urgência em entender os fatores que rodeiam os motivos das migrações de indígenas do interior para a capita, geralmente oriundos de aldeias e comunidades indígenas no interior do Amazonas.

O que tem se visto nesses últimos anos é a busca pelo protagonismo indígena e a grande necessidade de inserção do indígena no mundo contemporâneo, respeitando sua maneira diferenciada de vida. Assuntos como: ensino educacional diferenciado e de qualidade, universidade indígena, indígenas e a relação com o mercado de trabalho, aquisição legal de suas terras, busca por cotas em concursos públicos e vestibulares específicos, frequentemente debatidos nos congressos indígenas, podem nos mostrar qual tem sido um dos anseios dessa população.

Pensando na migração que perpassa pela identidade. O principal foco é entender como tem sido feita essa inserção do indígena no contexto urbano. De fato, o indígena tem usufruído de ações por parte do poder governamental para melhor integração sua nesses locais? O quanto essa migração legítima, o tem feito escolher entre seu futuro ou o seu ser indígena? Sua cultura fica reclusa a suas comunidades ou aldeias?

METODOLOGIA:

Este trabalho foi elaborado por via de uma abordagem qualitativa com elementos quantitativos. Foram realizadas pesquisas e revisões bibliográficas sobre o bairro Parque das tribos. Revisão Bibliográfica de Trabalhos de Conclusão de Curso, Teses e Dissertações de alunos da Universidade Federal do Amazonas UFAM sobre o bairro Parque das Tribos.

Em meu trabalho de campo em Manaus, houve uma conversa com o presidente do bairro (cacique) Israel Munduruku que revelou os motivos que levaram a criação de um local urbano direcionado para indígenas do interior do Amazonas.



Danielle Baré e Ismael Munduruku. Acervo do autor, 2025.

Além de análise de documentos da Prefeitura de Manaus sobre a temática do Bairro Parque das Tribos. E também análises de dados do IBGE e de reportagens.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O bairro Parque das Tribos, localizado na zona oeste de Manaus, no bairro Tarumã Açú, localizado há 22 km do centro da cidade, é segregado e coberto por densa vegetação. Situado em um espaço de transição localizado em meio a “Unidade de conservação”(tem esse nome por conter áreas verdes) e o espaço urbano de Manaus, como mostra o mapa cartográfico de Manaus produzido pelo IBGE. Também é próximo ao curso d'água, Igarapé Tarumã-Açú. O bairro também apresenta falta de planejamento urbano, ruas de baixa resistência estrutural, iluminação, água e

energia regularizadas recentemente, além de casas com estruturas inacabadas.

No mês de janeiro e fevereiro de 2025 foi feito um trabalho de campo no local para levantamento fotográfico no local. O que foi visto foi que desde o Trabalho de campo de 2022 do Wenderson Gomes, trabalho de conclusão de curso usado como referência bibliográfica deste trabalho, muitas coisas avançaram.

No ano de 2022, segundo Tobias, pesquisador em saúde pública da FIORCRUZ, foram registrados 2.800 pessoas de 35 etnias. De povos como: Kokamas, Sateré-Mawé, Tukanos, Barés, Mundurukus, Ticunas, Baniwas, Wananos, entre outros. Predomínio de povos do interior do Amazonas.



Acervo do autor, 2025.

A história do parque das tribos é bem conhecida pelos moradores que contaram que o bairro se iniciou como uma necessidade de se ter um ambiente singular para os povos indígenas que migraram para a Capital. Teve seu início como uma ocupação de terra protagonizada por pessoas indígenas.

Este bairro já foi alvo de muitas reintegrações de posse (Elaíze Farias, 2017), casas derrubadas e brigas na justiça, para que então somente no ano de 2022 ela fosse oficialmente legalizada, depois de quase 5 anos de sua existência, e hoje já é vista como um bairro e aos poucos conquista e usufrui dos benefícios básicos, como asfaltamento de ruas, melhorias nas linhas de ônibus, criação de escolas mais próximas e postos de saúde. Entretanto, ainda é alvo do que Ricardo Chaves, da revista *Cenarium*, ressalta como “favelização” (2024).

Os principais fatores apontados pelos moradores do Parque das Tribos como motivo de suas migrações, segundo o presidente do bairro, Ismael Munduruku, foram: procura de cuidados médicos avançados, procura de oportunidades de emprego e educação de qualidade (...). Pois, esses serviços acabam, muitas vezes, sendo negados por distância ou desvalorização das demandas desses povos e oferecidas somente na Capital, ação essa que leva a reação de indígenas migrando para a Capital do Amazonas, nesse caso.

Os principais fatores que caracterizam o território indígena é: fuga do apagamento de suas culturas, sua cosmologia própria e seus costumes tradicionais, estes necessitam de uma terra para a continuidade de seu modo de vida originário. Em razão disso, também se situa como um espaço muito importante para esses povos indígenas. Segundo Ivani Faria (2003, p.103) O significado e a importância da terra continuam os mesmos, como sendo a única forma possível de sobrevivência física e cultural. (p.103). Além disso, se trata também de um espaço repleto de “conteúdo-social”

como pontua Santos (1993, p.19). É em seus territórios que os povos indígenas vivem e preservam seus estilos de vida e sua cultura.

Desde a colonização, esses fatores citados acima foram responsáveis por assegurar continuidade nas tradições que os fizeram manter dialetos singulares, conhecimentos e maneiras de vida adaptadas à natureza, tão antigos que hoje se apresentam como costumes originários do Brasil. Esses fatores de fuga do apagamento de suas culturas, cosmologia e costumes tradicionais contemplam muito a criação do Parque das Tribos. Isso porque, o parque foi uma estratégia de fomentar um lugar que correspondesse a vivências culturais e tradições, além do ajuntamento com outras etnias e como eles chamam, outros “parentes” a fim de prosseguirem em fortalecer suas culturas e é claro sua identidade.

Essa dinâmica atual dos povos indígenas, de migração, nos leva a pensar como fica sua identidade? Indígena urbanizado? Moderno?

Nas décadas de 60 a 80 a Amazônia foi vista como não integrada ao Brasil por ser um lugar de logística difícil e cidadão brasileiros esquecidos. Essa visão do indígena não participante do “hoje” do “moderno” que muitas vezes corresponde ao urbano, desencadeou uma falta de protagonismo até nas suas próprias histórias.

A luta atual do movimento indígena é possibilitar a criação de uma universidade indígena que realmente alcance os indígenas de contexto de aldeia, quase sempre, sentenciados a não prosseguir nos estudos, a

esperar muito por cuidados médicos, deram origem a demanda citada a cima ou a órgãos e programas como: Médicos sem Fronteiras MSF ou a FUNAI, dependentes da boa ou ruim governança e políticas.

Essa nova presença de indígenas em contexto urbano deve ser vista como algo natural, pois esses vieram em busca de melhores condições de vida e mesmo autonomia e escolha.

É como se a cidade não fosse lugar de indígenas. Isso porque a cidade representa modernidade e o ser indígena é o passado.

O ressignificar da cultura destes, mostram a divergência entre rural e urbano, tendo em vista que o ambiente da Capital é diferente do ambiente de suas aldeias ou comunidades, a partir do momento que os indígenas chegam a ambiente novo, sua rotina sofre algumas alterações como: grandes distâncias de ônibus, ambiente segregado, racismo e dificuldade financeira ou mesmo escolhas de carreias. O que se percebe é que mesmo em meio a essa rotina diferente, suas culturas prevalecem quando inseridas nesse ambiente (bairro indígena) semelhante às aldeias ou comunidades indígenas, e de fato esse contexto em que estão inseridos, de ser um residente da cidade, possibilita mais acessos do que quando estavam nas suas comunidades indígenas.

Abaixo podemos ver exemplos de como é a vida dos residentes do bairro. O Sr. Ismael da etnia Mundurucu, atual presidente do parque, em ação, proposta para a comunidade, de promover um contato dos jovens indígenas com equipamentos tecnológicos e a segunda

imagem mostra o adensamento de pessoas e o ressignificar de suas culturas.



Fonte: Acesso pessoal de Ismael Munduruku, 2024.



Acervo de Ismael Munduruku, 2024.

CONCLUSÕES:

Esta investigação buscou um entendimento das perspectivas e desafios enfrentados por eles, seus modos vida, trilhando o caminho da comunidade indígena para as cidades, de que forma essa questão de mobilidade social pode ser vista e como esses indígenas conseguem manter suas culturas mesmo residindo em cidades.

Esse trabalho concluiu percebendo a insistência dos moradores deste bairro em continuar vivendo em seu meio coletivo, característica comum dos seus costumes tradicionais, viver em contato constante com pessoas que tenham laços fortes de parentesco

com eles, convivência de suas línguas originárias e mesmo seus costumes tradicionais.

O que também foi identificado no parque é que os moradores têm suas culturas fortalecidas por causa desse ambiente diferenciado, esse ambiente acaba sendo propício para desempenho da cultura e principalmente das línguas indígenas, daí podemos entender a importância de um espaço singular, “como sendo a única forma possível de sobrevivência física e cultural baseadas nas territorialidades específicas destas nações” (p.103).

A Partir da finalização desse trabalho podemos ver uma futura visibilidade dos indígenas de contexto urbano, diferente do que era no passado, como Gersem Baniwa retrata: “eram populações invisíveis e totalmente excluídas do campo dos direitos indígenas, de modo que sofriam dupla discriminação: de serem parte dos segmentos empobrecidos das periferias e excluídos dos direitos indígenas oferecidos aos índios de aldeias.” (Gersem, 2013). As cidades do Brasil de maneira natural vive migrações e imigrações a todo momento e de maneira natural. Dessa forma, a cidade também é um espaço para o indígena, quando este está assegurado de viver a sua maneira diferenciada e de acordo com suas necessidades e autonomia.

BIBLIOGRAFIA

FARIA, Ivani Ferreira de. (2003) **Território e Territorialidades indígenas no alto rio Negro.**

Manaus-AM. Editora da Universidade Federal do Amazonas, EDUA, 2003.

CHAVES, Ricardo. **‘Parque das Tribos’: favelização e luta por direitos básicos**, Revista Cenarium, 2024. Disponível em: [link](#)

FARIAS, Elaíze. **Juiz determina reintegração da ocupação Parque das Tribos, onde vivem 4 mil índios, em Manaus.** Amazônia Real, 2017. Disponível em:

GOMES, Wenderson de Castro.(2022). **Identidade, manifestação, território: estratégia de lutas e re-existência dos povos indígenas do parque das tribos, tarumã em Manaus-Am.** 2022. pág.32.

SANTOS, Milton (1999) **Território e o saber local: algumas categorias de análise.** Rio de Janeiro, 1999. p. 15-26.

G1.IBGE: **Manaus passa a ser a cidade mais indígena do país.** 7ago. 2023. Disponível em: [link](#)

AGÊNCIA BRASIL. **97% de indígenas da área urbana de Manaus vivem com menos de R\$600/mês.** Radio Agência Nacional. Brasília, 19 maio de 2022. Disponível em: [link](#)

BANIWA, Gersem dos Santos Luciano. **Gersem Baniwa, índio e antropólogo.** Semiedu2023 - Educação e (des)colonialidades dos saberes e poderes, 3 jul. 2013. Disponível em: [link](#)